

O Papa Francisco e a transformação pela ética do compromisso

Pope Francis and transformation through the ethics of commitment

Rivael de Jesus Nascimento
Waldir Souza

Resumo

O artigo tem como objetivo apresentar uma das contribuições do Papa Francisco, uma nova eclesiologia na dinâmica da cultura. A igreja se insere, nesse contexto como articuladora e comprometida no olhar da cultura e da fé. Deste modo, a cultura é observada como elemento importante na sociedade, há uma necessidade de diálogo e percepção dos elementos que a compõem. Após o Concílio Vaticano II, a Igreja tenta ampliar o seu diálogo com a sociedade, a cultura se renova e amplia os horizontes, a Igreja é convidada a observá-la e interagindo, ajudar o ser humano a ser melhor. O Papa Francisco se torna referência no diálogo com a cultura em uma ética do compromisso. O método usado no artigo é o dedutivo com uma metodologia qualitativa bibliográfica. O artigo possibilita a compreensão de uma ética que vai ao encontro da necessidade do ser humano. A ética do compromisso é embasada no pensamento eclesial do Papa Francisco e sua ação na sociedade. Se trata de um olhar para uma humanidade renovada e comprometida com a caridade que testemunha a esperança do Reino de Deus. Nesse cenário, o pensamento do Papa Francisco ajuda a buscar novos horizontes fundamentados na fé e na esperança.

Palavras-Chaves: Ética do compromisso. Cultura. Humanização. Solidariedade-esperança. Relativismo.

Abstract

The article aims to present one of the contributions of Pope Francis a new ecclesiology in the dynamics of culture. The church is inserted in this context as an articulator and committed in the eyes of culture and faith. In this way, culture is seen as an important element in society, there is a need for dialogue and perception of the elements that compose it. After the Second Vatican Council, the Church tries to expand its dialogue with society, culture is renewed and broadens its horizons, the Church is invited to observe it and, by interacting, help human beings to be better. Pope Francis becomes a reference in dialogue with culture in an ethic of commitment. The method used in the article is deductive with a qualitative bibliographic methodology. The article makes it possible to understand an ethics that meets the needs of human beings. The ethics of commitment is based on the ecclesial thinking of Pope Francis and his action in society. It is a look at a renewed humanity committed to charity that bears witness to the hope of the Kingdom of God. In this scenario, the thinking of Pope Francis helps to seek new horizons based on faith and hope.

Keywords: Ethics of commitment. Culture. Humanization. Solidarity- hope. Relativism.

Introdução

O Papa Francisco desde que iniciou seu pontificado vem desenvolvendo uma pedagogia que motiva novas posturas, indicando uma nova eclesiologia. Para ele é relevante o diálogo com a cultura para novas atitudes éticas. O artigo aqui apresentado vai desenvolver os tópicos que relevam o pensamento do Romano Pontífice em benefício de novas atitudes éticas que transformam a cultura deste tempo, bastante desafiadora para todos os evangelizadores e para os que protagonizam a história deste tempo.

A cultura atual carrega as tintas do presente, sem pensá-la na prenhez do porvir. A capacidade crítica prolonga o presente nas consequências para que o virá. O presente sofre a versatilidade de opiniões, o jogo cambiante das emoções e urgências, a enfermidade da instantaneidade, a desvalorização do futuro.¹

É essa realidade que o Papa Francisco busca compreender, motivando a igreja e a humanidade com novas posturas em sua ação pastoral e que tem importância para novas atitudes éticas comprometidas com uma sociedade renovada à luz do Evangelho e da edificação do Reino de Deus. A ética do Papa Francisco é uma ética de compromisso. É esta abordagem que aqui se desenvolverá. Na visão de uma nova cultura e de uma nova humanização.

1. O compromisso com a cultura

O tópico que se apresenta a seguir torna-se um suporte de suma importância para a compreensão deste artigo. O diálogo com a cultura está como algo próprio do ser humano, mas de maneira aberta para que ele possa sentir-se livre. “É na liberdade que a pessoa pode se construir como pessoa.”² O Papa Francisco enfatiza este tema desde o início de seu pontificado, uma liberdade que torne o ser humano melhor e capaz de novas atitudes com o seu próximo. Ele ressalta este tema em *Evangelii Gaudium*.

Na cultura dominante, ocupa-se o primeiro lugar aquilo que é exterior, imediato, visível, rápido, supervisorio, provisório. O real cede lugar à aparência. Em muitos países, a globalização comportou uma acelerada deteriorização das raízes culturais com a invasão de tendências pertencentes a outras culturas, economicamente desenvolvidas mas eticamente debilitadas.³

Na cultura se insere o diálogo que constitui uma extraordinária oportunidade de relação, de encontro e intercâmbio entre as pessoas. Não sem razão que o diálogo é uma das marcas do pontificado de Francisco, e marca-se no mesmo uma nova postura ética. Trata-se de um jeito de ser muito próprio dele. Por isso, as pessoas consideram um Papa muito “próximo”, com quem se consegue dialogar de modo respeitoso e amável. Francisco, no diálogo com as pessoas, povos e culturas, partilha alegrias, esperanças, “sempre recordando o anúncio fundamental: o amor de Deus.”⁴ Um bom interlocutor com a cultura do presente.

Mas, o que se entende por cultura? O educador José Luiz dos Santos, em 1987 publica, um pequeno livro escrevendo o que é cultura, e sua relevância para a sociedade. O autor define assim a cultura:

Cultura é uma preocupação contemporânea bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro. O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, e se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la.⁵

¹ LIBANIO, J. B. Em busca da lucidez. São Paulo: Loyola, 2008, p. 29.

² BRUSTOLIN, L.; FONTANA, L. L. B. (Orgs.), Cultura Urbana, p. 133.

³ EG 62.

⁴ CNBB., Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023, p. 86.

⁵ SANTOS J. L., O que é cultura? p. 7.

A conferência de Aparecida⁶ reforça a relevância da cultura para a relação que o ser humano estabelece consigo mesmo, com os bens da criação e com seus semelhantes. Uma relação que perpassa a vida em Deus e dá sentido à sua existência humana. A cultura é observada de maneira positiva pelos bispo do CELAM.

A V Conferência em Aparecida olha positivamente e com verdadeira empatia as diferentes formas de cultura presentes em nosso continente. A fé só é adequadamente professada, entendida e vivida, quando penetra profundamente no substrato cultural de um povo. Desse modo aparece toda a importância da cultura para a evangelização, pois a salvação trazida por Jesus Cristo deve ser luz e força para todos os anseios, para as situações alegres ou sofridas e para as questões presentes nas respectivas culturas dos povos.⁷

O conceito continua atual dentro de sua perspectiva em compreender a realidade. Como conciliar a evangelização dentro da cultura? O Romano Pontífice oferece muitas pistas de ação, diante de uma cultura do aparente e superficial, insiste em uma ética do compromisso. O teólogo Libanio já constatava essa realidade em mudança, há alguns anos. Assim ele se manifestava com a tecnologia da informação e o desafio da evangelização:

O efeito mais grave da cultura virtual sobre a fé é a sua descomunitarização. (...) A cultura virtual, especial pela vida da Internet, tem se transformado em gigantesca fonte de informação fácil e abundante. Sobre qualquer tema, pode saber-se o último estágio da pesquisa. Uma das grandes molas dessa cultura é a insaciável curiosidade humana, sadia e doentia. [...] A cultura virtual tem gerado uma cultura da indiferença em relação às pessoas. São banalizadas pela mídia. Escondem-se fingidamente por detrás delas. A fé pede necessariamente uma relação respeitosa e veraz entre as pessoas.⁸

Desta maneira, é necessário o diálogo que é outro aspecto enfatizado por Francisco no mundo urbano com a diversidade dos povos. E, centrado no diálogo com todos e encarnado em seus sorrisos, abraços, telefonemas, cartas, entrevistas – serve de bússola para encontrar os caminhos, em cada contexto específico, que levem à construção de uma autêntica “cultura do encontro numa harmonia pluriforme.”⁹

A cultura do encontro, fertilizada pela proximidade de Francisco, supera o egoísmo, transforma o individualismo, promove a paz. Desde a sua eleição, o papa Francisco tem sido um exemplo da íntima ligação da cultura do encontro entre palavras e gesto, discurso e ação, anúncio e testemunho, reflexão e prática – em suma, um exemplo da autêntica práxis, de fraternidade, de amor e de comunhão. Coloca-se profeticamente na contramão da cultura “capitalista e radicalmente individualista”, que “ensina e propaga a convicção de que a felicidade consiste no bem-estar. Quem pode gozar de todos os bens que o mundo oferece seria feliz.”¹⁰ Cabe salientar que essa cultura individualista transforma rapidamente a cidade. Assim, há necessidade do Cristianismo buscar um olhar sobre ela e as pessoas, principalmente diante da violência e da indiferença.

O individualismo pós-moderno e globalizado favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares. A ação pastoral deve mostrar ainda melhor que a relação com o nosso Pai exige e incentiva uma comunhão que cura, promove e fortalece os vínculos interpessoais. Enquanto no mundo, especialmente em alguns países, se reascendem várias formas de guerras e conflitos, nós cristãos, insistimos na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos ‘a carregar uns aos outros’ (Gl 6, 2). Além disso, vemos hoje surgir muitas formas

⁶ LIBANIO, J. B. Em busca da lucidez, p. 29.

⁷ A Conferência de Aparecida é a V do Episcopado latino-americano e contou com a presença de Bento XVI, motivando seus trabalhos, o Cardeal Bergoglio foi o secretário e um dos redatores do texto.

⁸ CELAM. Documento de Aparecida. V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, p. 215

⁹ LIBANIO, J. B. A lógica das cidades, p. 135.

¹⁰ EG 220.

¹⁰ COMBLIM, J., Comunidade de Comunidades, p. 36.

de agregação para a defesa dos direitos e a consecução de nobres objetivos. Deste modo, se manifesta uma rede de participação de numerosos cidadãos, que querem ser construtores do desenvolvimento social e cultural.¹¹

Francisco fala com propriedade, ele cresceu em uma metrópole, e viu ela transformando-se, gerando pobreza e vulnerabilidade, por falta do povo de Deus ter acesso aos bens da criação. Em seu pontificado ele reforça a perda da relação com Deus e o significado da fraternidade universal, que geram um sentimento de medo do futuro e isolamento. Um esquecimento da prática do perdão e da teologia da cruz, das dores do tempo presente.

Neste sentido, há uma necessidade de compreensão de uma pastoral que tenha diálogo com as pessoas do tempo presente que constroem a cultura do tempo presente. No cenário da cultura há uma multiplicidade de pensamentos, de faces, e de novas expressões onde as novas gerações estão inseridas e antes nem existiam, proliferações de redes sociais que a todo tempo levam novas posturas e novas condutas.

Nesta dinâmica, a Igreja não é mais a única produtora de cultura. Com essa realidade a igreja precisa de uma pastoral que tenha diálogo com a cultura do tempo presente, que busque a compreensão da mesma. A igreja vai sempre testemunhar a fé, anunciá-la e esta não pode ser meramente uma informação. A palavra ‘evangelho’, em sua etimologia está a notícia – *angelion*. Há um contraste aqui, a notícia do mundo urbano é a informação, mas a notícia do evangelho é uma interpelação, uma conversão a fé. Percebe-se que existe a necessidade de evangelizadores que além da informação e da técnica, possam anunciar o Evangelho de maneira nova compreendendo o ser humano deste tempo e suas fragilidades.

O documento de Santo Domingo aponta que para ocorrer a Nova Evangelização, que é a centralidade desta Conferência, na missão da Igreja, há uma necessidade de conhecer a realidade, e suas necessidades, diante da crise cultural, (nº 13-14)¹² e da ausência de valores que atrapalham o ser humano e ofusca seu desejo de felicidade, daí ocorre a necessária promoção que a Conferência de Santo Domingo (1992) propõe. Diante da pluralidade cultural atual e ainda mais enfatizada pela técnica, avança a indiferença religiosa e os subjetivismos da fé. Santo Domingo prenunciava, vale o que os bispos pronunciaram nesta Conferência:

A ausência desses valores fundamentais na cultura moderna não apenas tem ofuscado a dimensão transcendente, arrastando as pessoas para a indiferença religiosa – também na América Latina –, mas é ainda causa determinante do desencanto social, no qual se gerou a crise desta cultura. Após a autonomia introduzida pelo racionalismo, tende-se hoje assentar os valores, sobretudo em consensos sociais, subjetivos, que não raro, conduzem a posições contrárias inclusive a própria ética natural. Pense-se no drama do aborto, nos abusos no âmbito da engenharia genética, nos atentados à vida e à dignidade da pessoa.¹³

O Papa Francisco atribui esta crise de cultura a falta de solidariedade entre os povos e entre os seres humanos. Em muitos países há uma preocupação em recuperar os direitos inalienáveis dos seres humanos. Mas, o conceito do ser humano como indivíduo que atua e participa da sociedade, dinâmica e coletiva, precisa ser visualizado no agir de cada cidadão.

Decorre do excerto acima que o ser humano deve ser valorizado dentro da cidade, inserido na sua cultura, nas relações técnicas, comerciais e nas suas lacunas existenciais. Vivemos em tempos que a cultura oprime o ser humano em sua dignidade e a presença de Deus se torna secundária. Deste modo, assim alertava o Arcebispo de Barcelona:

Para a evangelização das grandes urbes, necessitamos de uma atitude contemplativa que, sem rejeitar as contribuições das diversas ciências para conhecer o fenômeno urbano – essas contribuições são importantes –, busquemos descobrir o fundamento das culturas, que em seu núcleo mais profundo estão sempre abertas e sedentas de Deus. O que muito nos ajudaria é conhecer os imaginários e as cidades, ou seja, os grupos urbanos e ou territórios humanos que se identificam em seus símbolos, linguagens e ritos e formas para contar a vida.¹⁴

¹¹ FRANCISCO. PP., O verdadeiro poder é o serviço, p. 59.

¹² CELAM., nº 13-14,

¹³ CELAM, nº21 p. 22

¹⁴ SISTACH, L. M., evangelizar com grande alegria as grandes cidades, p. 68.

Então, as culturas apresentavam-se bastante bem definidas e tinham maiores possibilidades para se defender da homogeneização cultural. Hoje cresceram notavelmente as possibilidades de interação das culturas, dando espaço as novas perspectivas de diálogo intercultural; um diálogo que para ser eficaz, deve ter como ponto de partida uma profunda noção da identidade específica dos vários interlocutores.

Neste cenário, o teólogo Manoel Godoy em sua compreensão aborda essa indiferença, ampliando essa reflexão, olhando a realidade, sobre a construção e reconstrução da pastoral da Igreja pós Vaticano, com momentos de abertura, de muito discernimento que favoreceram efeitos positivos em muitas paróquias e dioceses em todo o Brasil. O destaque foi para uma pastoral de diálogo com a cultura e a realidade onde se estava inserido o ser humano e clamava por novo protagonismo cristão. Assim seria viver na cidade:

Viver na cidade exige exatamente essa postura de discernimento permanente, pois os sinais de Deus aí estão, mesclados com os mais diversos processos que constituem a vida e a cultura urbanas. Olhar com ternura a cidade: decifrar o tempo em que se vive; abrir-se à busca permanente de paradigmas que deem contada realidade são condições para que o Evangelho tenha chance de ser proposto verdadeiramente como Boa-Nova para os homens e as mulheres urbanos.¹⁵

O diálogo com a cultura e o anúncio do evangelho, de acordo com o Concílio Vaticano II, abrem a esperança para a Igreja reconhecer-se como parte integrante do mundo e não somente autorreferente em si mesma.

O Concílio Vaticano II inspirou a busca na compreensão da vida urbana, dos espaços urbanos e a contribuição do magistério para a ampliação da reflexão da pastoral dentro das cidades na ação evangelizadora de Francisco. Dessa forma, ao aplicar o Vaticano II no mundo urbano e na cultura dos povos, o papa Francisco deseja uma Igreja, inserida na vida concreta das pessoas, decididamente missionária, capaz de sair da autorreferencialidade para chegar a todos, indistintamente.

Mas não sair de qualquer jeito. Não, não. Jamais! Uma Igreja em chave de saída missionária, a partir de Jesus: contemplativa e orante; Igreja discípula, que está à escuta da Palavra (Mt 13,9; Lc 1,38; Jo 10,27; Rm 10,17; Ap 3,20), e fertilizada pela alegria do Evangelho. “Há cristãos que parecem ter escolhido viver uma Quaresma sem Páscoa.”¹⁶

Uma Igreja eucarística de louvor e ação de graças pelo Reino que chegou às culturas; uma Igreja que faz a Eucaristia e a Eucaristia – pão partilhado e Corpo doado - faz a Igreja. “A Eucaristia [...] não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos.”¹⁷ Uma Igreja que nasce da profunda experiência do coração da Trindade.

E mais, no sonho evangelizador de Francisco, na relação da evangelização com as culturas: uma Igreja, imersa na vida urbana e de diálogo com todos, que corre o risco de ter acidentes, de se machucar, de falhar em algumas coisas, mas onde a criatividade, o ardor apostólico, o fervor apostólico, o zelo apostólico são privilegiados, encarando os cenários e os lugares sempre novos da missão evangelizadora. Uma Igreja fraterna, de rosto samaritano, amorosa e alegre, de mãos dadas na pluralidade de ministérios, serviços e grupos. Nesse sentido, ressalta Francisco:

[...] prefiro uma Igreja acidentada, ferida, enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa em um emaranhado de obsessões e procedimentos.¹⁸

Precisamos de uma Igreja com largos espaços para a liberdade e a diversidade no mundo urbano, onde a corresponsabilidade evangélica une mais do que o legalismo; e o entusiasmo pelo Reino de Deus mais do que a imposição e o fechamento. “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo!”¹⁹

¹⁵ GODOY, M. J., Uma Pastoral com rosto urbano, p. 141-159.

¹⁶ EG 46.

¹⁷ EG 47.

¹⁸ EG 49.

¹⁹ EG 47.

Uma Igreja aberta às novidades de Deus em diálogo com o mundo. Mas Francisco alerta: “Deus nos livre de uma Igreja mundana sob vestes espirituais ou pastorais!”.²⁰ Igreja, sim, atenta ao sopro do Espírito criativo, que suscita os carismas, que abre novos caminhos, oferecendo novas respostas para os sofrimentos e angústias da humanidade. “Muitas vezes agimos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma *alfândega*; é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fatigante.”²¹

Aproxima do que foi dito, as palavras de José Comblin, grande teólogo brasileiro, quando faz a atualização do magistério do Vaticano II sobre a vida nas cidades e aquilo que ela pode oferecer, em seus aspectos unitivos e positivos:

A cidade não merece a censura que se lhe fez, de destruir as relações sociais. Ao contrário permite multiplica-las a tal ponto que se deve reconhecer, entre a vida social rural, e a vida social urbana, um nível diferente. O que destrói a vida social e o desenvolvimento anárquico do ‘modo de vida urbano’ sem a cidade, a tendência individual de aproveitar as vantagens que a cidade criou, rejeitando a própria cidade. Os pretensos defeitos da cidade são defeitos da não cidade, dos bairros congestionados, dos tugúrios, ou da ex-urbanização. Por isso, é necessário salvar as cidades das forças centrífugas que tendem a dispersá-las. Portanto, é necessário integrar à cidade aos aldeões que se concentram nela em massas sem possuir seus costumes. À medida que a cidade for uma cidade, será desenvolvimento da vida social.²²

Na visão do teólogo a cidade sempre tem algo positivo a oferecer, eis a necessidade da igreja conhecer a realidade social e a cultura que se sobressai neste meio. Desta forma, se faz necessário um diálogo da cultura com uma “Igreja em saída”.²³ É a atualização do mandato missionário de Mateus 28, 19: “Ide a todos os povos”. A igreja em saída como Francisco propõe é sinal de esperança, contrastando com uma proposta muitas vezes que se pareceu pessimista em relação à cidade e à cultura. Por isso, a antropologia neste tempo é diferenciada, é positiva e a alegria e a esperança devem perdurar no coração dos que evangelizam e são evangelizados. Diante de uma nova cultura, uma nova proposta, uma nova mensagem:

Uma mensagem que não se reduz ao anúncio, mas que é acompanhada por gestos concretos e simbólicos de misericórdia e solidariedade, que dão credibilidade à mensagem proclamada, enchendo-a, assim de significados e impedindo que essa não passe simplesmente de palavras vazias.²⁴

Para a compreensão desta cultura se faz necessário superar o amadorismo eclesial e compreender as pessoas como realmente elas são e das causas da justiça e conjuntura da realidade, os dramas que o ser humano contemporâneo vive na história do seu cotidiano e as respostas que pretende oferecer no tempo presente de acordo com a ação amorosa do mistério de Deus. E aqui Francisco apresenta elementos como “uma Igreja em saída”, mas, para que essa ocorra se faz necessário uma “conversão pastoral.”

A conversão pastoral apresenta-se, assim, como a grande chave de acesso à porta da cultura urbana e o intercâmbio com o ser humano cidadão. A partir dessa perspectiva, o lugar da evangelização não se reduz, primária e exclusivamente, ao púlpito, mas expande-se para o centro e as periferias geográficas existenciais das grandes e pequenas cidades, para o mundo do trabalho, para a vida concreta. E a atitude de docilidade à ação do Espírito Santo, fruto da conversão pastoral, há de ajudar os cristãos a buscar o contato de todos os homens e mulheres e serem, nesse encontro, nada mais daquilo que são: filhos amados de Deus, sal, luz e fermento na massa. No encontro com o desconhecido, perde-se o controle da situação: uma chance para Deus agir. Através de nós, mas não exclusivamente. A chave. E se abrirem, Deus poderá entrar e cear com eles.²⁵

²⁰ EG 47.

²¹ EG 47.

²² COMBLIN, J., Teologia da Cidade, p. 175.

²³ EG 19.

²⁴ BRUSTOLIN, L.; FONTANA, L. L. B. (Orgs.), Cultura Urbana, p. 8.

²⁵ BRUSTOLIN, L.; FONTANA, L. L. B. (Orgs.), Cultura Urbana, p. 16.

No diálogo as pessoas são chamadas a fazer esta experiência do amor divino e assim encontrar o sentido da vida. Há uma necessidade que o cristão aja como o “bom samaritano,” na defesa da vida e na solidariedade. Atualmente em todas as cidades impera uma lógica da imagem e do espetáculo, diante de uma globalização cultural avassaladora, ora positiva, ora danosa. Onde encontra esse justo equilíbrio? Os elementos essenciais para esta compreensão e uma nova atualização continuam sendo os mesmos: fé e a tradição. Estas são geradoras da alegria do Evangelho uma “fé objetiva e fé subjetiva, verdade e amor.”

O diálogo com o mundo urbano é uma das convicções de Francisco, para a superação do individualismo e para a promoção da paz, pois a cidade transforma-se rapidamente e há necessidade da Igreja com sua força evangelizadora, buscar um olhar sobre ela e as pessoas que estão neste cenário, principalmente diante da violência e da indiferença.

O individualismo pós-moderno e globalizado favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares. A ação pastoral deve mostrar ainda melhor que a relação com o nosso Pai exige e incentiva uma comunhão que cura, promove e fortalece os vínculos interpessoais. Enquanto no mundo, especialmente em alguns países, se reascendem várias formas de guerras e conflitos, nós cristãos, insistimos na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos ‘a carregar um dos outros’ (Gl 6, 2). Além disso, vemos hoje surgir muitas formas de agregação para a defesa dos direitos e a consecução de nobres objetivos. Deste modo, se manifesta a participação de numerosos cidadãos, que querem ser construtores do desenvolvimento social e cultural.²⁶

Francisco fala do seu pastoreio no meio de alegrias e dores, ele destaca o valor da fé como superação de uma mentalidade subjetiva. Qual seria a lição para escrever novas páginas na esperança da vida? A resposta seria suscitar uma cultura que promova os valores da fé, que alcance no mais profundo o ser humano e o integre aos valores do Reino de Deus. Neste âmbito, a igreja é chamada a ser servidora.

Nas grandes cidades, pode observar-se uma trama em que grupo de pessoas compartilham a mesma forma de sonhar a vida e ilusões semelhantes constituindo-se em novos setores humanos, em territórios culturais, em cidades invisíveis. Na realidade, convivem variadas formas culturais, mas exercem muitas vezes práticas de segregação e violência. A Igreja é chamada a ser servidora de um diálogo difícil. Enquanto há cidadãos que conseguem os meios adequados para o desenvolvimento da vida pessoal e familiar, muitíssimos também são os ‘não cidadãos’, os ‘meios cidadãos’ ou os ‘resíduos urbanos’. A cidade dá origem a uma espécie de ambivalência permanente, porque ao mesmo tempo em que oferece aos seus habitantes infinitas possibilidades, interpõe também numerosas dificuldades ao pleno desenvolvimento de muitos.²⁷

Deste modo, é necessário olhar a cidade como esperança e lembrar que Deus habita nela, mesmo com os sofrimentos e as feridas que são chagadas diariamente em tantos irmãos e irmãs deste tempo.

As recentes guerras no mundo com tantos mortos e feridos e uma multidão de refugiados revela instabilidade em que o ser humano vive hoje, cidades bombardeadas e milhares de civis sem ter para onde ir. O mundo em protestos onde tantas pessoas pedem a paz, pedem a justiça e reivindicações que não podem ficar no silêncio e nem serem respondidas com o mesmo sofrimento que se alastra pelo mundo inteiro, drogas, doentes, exploração de menores e trabalhadores. Deus sempre vai morar na cidade e nos lugares em que foi esquecido. No meio das dores do mundo sempre deve nascer a esperança em favor da vida e da felicidade integral do ser humano e esta possibilite a cultura do encontro.

Em síntese, o tema da “cultura” está em constante aprimoramento. Neste quesito a ética que Francisco aborda para toda a igreja, desde o início de seu pontificado é uma ética de compromisso, um novo olhar para a descoberta do próximo e de suas fragilidades. No magistério pontifício sobretudo com os últimos papas houve um grande esforço para a compreensão da cultura e consequentemente a busca de novas propostas de evangelização. Francisco insiste na ideia de uma cultura do encontro que

²⁶ FRANCISCO, PP., O verdadeiro poder é o serviço, p. 59.

²⁷ EG 74.

estabeleça novas relações e ajude o ser humano a se encontrar diante da pluralidade que vive e dos limites deste tempo, como a indiferença, a intolerância e a falta de perdão.

2. Por uma nova humanização no compromisso ético

No discurso do Congresso das Cidades em 2014, o Papa Francisco apresentava sua experiência de pastor no meio de uma grande cidade que é a cidade de Buenos Aires. Na cidade diante de tanta complexidade para a evangelização é necessário um novo olhar. Ele aponta a abertura do discurso e continua, é um pressuposto para a compreensão da ética de compromisso de Francisco:

[...] falar-vos-ei da minha experiência pessoal, de alguém que foi pastor de uma cidade populosa e multicultural como Buenos Aires. E também da experiência que pudemos realizar juntos, com os bispos das 11 dioceses que fazem parte da região eclesial; juntamente com eles, começando a partir de vários âmbitos e propostas, em comunhão eclesial, quisemos enfrentar alguns aspectos pastorais para aquela evangelização daquele aglomerado urbano com uma população de cerca de 13 milhões de habitantes, nas 11 dioceses: Buenos Aires conta com três milhões de habitantes, à noite e durante o dia, quase oito milhões de pessoas que vem à cidade. Mas no total são 13 milhões. Ocupa o décimo terceiro lugar entre as cidades mais densamente povoadas do mundo.²⁸

O Papa Francisco aborda o número da população nas grandes cidades e os anseios e temores deste século XXI para a evangelização e a promoção do ser humano. É urgente um aprofundamento sobre a pastoral urbana e pistas de ação para um novo olhar humanizado. João Paulo II o papa polonês, usava a expressão “ser-no-mundo”. Esta compreende-se como o ser humano dotado de dons e possibilidades para o outro com a graça de Deus, e os recursos materiais e espirituais que a cultura pode prover. Aqui percebe-se que é uma evolução do pensamento do Vaticano II, a Igreja como contextualiza *Gaudium et Spes*, no n. 1º caminhar eclesial entre as alegrias e incertezas, mas, uma Igreja que necessita humanizar-se. A Igreja portadora de uma nova humanização experimenta uma tarefa desafiadora. João Paulo II no Rio de Janeiro em 1º de julho de 1980, no encontro com as personalidades do mundo da cultura, assim se expressava:

A humanização, ou seja, o desenvolvimento do homem, efetua-se em todos os campos da realidade na qual o homem está situado e se situa: na sua espiritualidade e corporalidade, no universo, na sociedade inumana e divina. Trata-se de um desenvolvimento harmônico, no qual todos os setores dos quais faz parte o ser homem liga-se uns aos outros: a cultura não diz respeito nem unicamente ao espírito nem unicamente ao corpo, como nem unicamente à individualidade ou à sociabilidade ou à universalidade. A redução *ad unum* dá sempre lugares a culturas desumanizantes, nas quais o homem é espiritualizado ou é materializado, é dissociado, ou despersonalizado. A cultura deve cultivar o homem e cada homem na extensão de um humanismo integral e pleno, no qual todo homem e todos os homens são promovidos na plenitude de cada dimensão inumana. A cultura tem o fim essencial de promover o ser do homem e de proporcionar-lhes os bens necessários ao desenvolvimento o seu ser individual e social.²⁹

Nessa mesma esteira o Papa Francisco amadurece a importância de uma cultura humanizada, ou seja, da continuidade do pensamento de João Paulo II. Neste sentido Francisco denuncia o relativismo que impera na sociedade, ou seja, a relativização dos valores que fantasiam a realidade, o que se tem em conta são os valores subjetivos, as normas e práticas são colocadas em segundo plano. Neste quesito de relatividade cultural o bem e o mal praticamente não existem, e em seu lugar é imperado os valores econômicos e financeiros. Francisco amplia essa reflexão:

Esse subjetivismo dos valores, nos induz a um ‘avanço mediante o consensuar! Entramos aqui também em uma degradação: ir ‘nivelando por baixo’, por meio do consenso negociador. Avança-se fazendo pactos.

²⁸ FRANCISCO, PP. Discurso do Papa Francisco aos Participantes do Congresso Internacional de Pastoral das Grandes cidades.

²⁹ JOÃO PAULO II, PP. Discurso do Papa João Paulo II aos Membros do Pontifício Conselho para a Cultura.

Por fim, a lógica da força triunfa. Por outra parte, instaura o reino da opinião. Não existe incertezas ou convicções. Tudo vale; dali ao “nada vale”, são uns poucos passos.³⁰

Para Francisco, o ser humano foi levado a uma autonomia exagerada, que limita suas relações pacíficas no mundo urbano. E, inserido em uma cultura da indiferença o ser humano perde-se na percepção de sua própria transcendência.

O que Francisco propõe a toda a Igreja para superação dessa cultura subjetiva. Para isso, é necessário redescobrir a memória. Uma memória que supere a aparência ou meramente o virtual.

Não seja um educador desgastado da memória. A memória é potência unitiva e integradora. Assim como o entendimento entregue às suas próprias forças, a memória vem a ser o núcleo vital de uma família ou de um povo. Uma família sem memória não merece tal nome. Uma família que respeita e atende seus avós, que são memória viva, é uma família desintegrada; mas uma família e um povo que recordam são família e um povo de porvir.³¹

A cultura do encontro favorece a compreensão da história e abre novas perspectivas de aproximação do outro, e esta favorece a preservação da memória. O contraste é muito grande com os meios de comunicação e tanto afastamento pessoal das relações que pode estabelecer na sociedade.

É urgente uma cultura que favoreça o encontro das pessoas, que propicie e busque o aprendizado com o próximo e ajude a superar as diferenças. A cultura do encontro motiva a solidariedade para a reflexão apurada da realidade. A contribuição de Francisco neste quesito torna-se original pois aponta o reconhecimento do outro. Os valores inspirados pelo cristianismo nos conceitos de pessoa e família dentro da coletividade inspiram uma mudança e um novo olhar para essa cultura humanizante.

A pergunta feita a Jesus: “Quem é meu próximo”, é a que se faz no momento presente. Esta faz pensar na proximidade, e o que a cultura do encontro pode favorecer. Uma revolução para a ternura e para o amor. Há uma necessidade que o ser humano se aproxime de seu semelhante e seja de maneira autêntica, para superação da fragilidade dos meios virtuais, ou *mass media*.

Não basta circular pelas ‘estradas’ digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos amar e sermos amados. Precisamos de ternura. Não são as estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação. O próprio mundo do *mass media* não pode alhear-se da solicitude pela humanidade, chamada como é a exprimir ternura. O envolvimento pessoal é a própria raiz da fiabilidade de um comunicador. É por isso que o testemunho cristão, pode, graças à rede alcançar as periferias existenciais.³²

Aponta-se a necessidade de uma Igreja em saída que dialogue com a cultura urbana nas grandes cidades, uma Igreja peregrina nas estradas do mundo que possa abraçar os que Deus não esqueceu, uma Igreja que abra as portas. O que seria abrir as portas para o Papa?

Abrir as portas significa abri-la no ambiente digital, seja para que as pessoas entrem, independente das condições de vida que se encontrem, para que o Evangelho possa cruzar o limiar do templo e sair ao encontro de todos. Somos chamados a testemunhar uma igreja que seja casa de todos. O testemunho cristão não se faz como bombardeio de mensagens religiosas, mas com a vontade de se doar aos outros ‘através da disponibilidade para se deixar envolver pacientemente e com respeito, nas suas questões e nas suas dúvidas no caminho da busca da verdade e do sentido da existência humana.’³³

³⁰ FRANCISCO, PP., O verdadeiro poder é o serviço, p. 70.

³¹ FRANCISCO, PP., O verdadeiro poder é o serviço, p. 73.

³² FRANCISCO, PP., O Evangelho da vida nova, p. 86.

³³ FRANCISCO, PP., O Evangelho da vida nova, p. 87.

O testemunho cristão indica ao ser humano o que ele precisa saber, ele produz cultura, mas não para si mesmo, mas em comunidade que o faz colaborador da vida. Dar testemunho onde o ser humano colabora com o seu *ethos*, com o sentido do seu fim para Deus. Para essa compreensão se faz necessária a superação do relativismo. A cultura deste tempo presente é mediada pela mediocridade, da lógica do espetáculo momentâneo.

[...] a cultura do espetáculo se expandiu em todas as áreas da vida. Surgiu a economia do espetáculo numa fusão entre negócios e diversão, onde o entretenimento se torna rapidamente um dos principais aspectos geradores dos negócios. Por meio da “entretinimização” da economia, as corporações e empresas circulam na TV, nos filmes, na internet, nos video games, nos cassinos, nos esportes etc., suas imagens e marcas para que os negócios e a publicidade se combinem, tudo sob a forma de espetáculo.³⁴

Decorre dessa cultura um moralismo imanente, que limita pensar o transcendente, colocando o ser humano sem perspectivas de futuro, sem o olhar da história e do passado. A cultura deste tempo possui a marca do relativismo.

O relativismo é a possibilidade de fantasiar sobre a realidade, pensa-la como se pudesse ser dominada por uma ordem instrumentalizada em um jogo. Leva a valorizar e a julgar somente por uma impressão subjetiva: não com as normas, concretas. Há uma redução da ética e da política à física. Não existem o bem e o mal em si, senão somente um cálculo de vantagens e desvantagens. O deslocamento da razão traz como consequência que o direito a uma imagem fundamental da justiça, se não que se converte em espelho das ideias dominantes.³⁵

Diante desta nova cultura relativizada a lógica da força impera, e inaugura uma sociedade de opinião. E assim, desenraiza o ser humano, pois não há certezas nem convicções para firmar sua esperança.

Assim, compreende-se o Bispo de Roma lançando em sua visão pastoral a necessidade de um olhar que gera a cultura do encontro. Neste cenário fragmentado, da vida urbana, a história humana precisa ser construída a partir da cultura do encontro, da integração, para uma humanização onde se faz necessária a amplitude do conceito da memória. Neste tempo, convém que haja a educação para a memória.

Não se pode educar a desprovidos de memória. A memória é potência unitiva e integradora. A memória vem a ser o núcleo fundamental de uma família ou de um povo. Uma família sem memória não merece o nome de tal. Uma família que não respeita e não atende seus avós que são sua memória viva, é uma família desintegrada; mas uma família e um povo que se recordam são uma família e um povo do futuro.³⁶

Francisco insiste na história como memória, para uma humanização, um elemento indispensável para a cultura do encontro. A memória faz-nos presentes, juntamente com Jesus, uma verdadeira ‘nuvem de testemunhas’ (Hb 12,1). Francisco exorta que “isto ultrapassa a razão humana, mas também tem um significado que pode enriquecer a quantos não creem e convida a razão a alargar as suas perspectivas” (EG 12). Uma sociedade sem memória pode ser considerada enferma. Há uma necessidade de um comprometimento ético em benefício de uma nova sociedade, longe de uma neutralidade e de um silêncio que distancia o comprometimento e a busca de mudança pelo momento presente.

Conclusão

O artigo se propôs apresentar o desenvolvimento do pensamento eclesial do Papa Francisco, que nestes 10 anos de pontificado, aponta para uma ética de compromisso. Seus textos, suas falas e sua ação no magistério eclesial revelam a importância de novas posturas, diante de uma sociedade transformada e agitada pela cultura. Está marcada pelo provisório e pelo instantâneo. Mas, que também precisa ser interpretada para

³⁴ COELHO, C. N. P.; CASTRO, V. J. C., Cultura, comunicação e espetáculo, p. 55.

³⁵ FRANCISCO, PP., Caminhando para a maturidade, p. 95.

³⁶ FRANCISCO, PP., Caminhando para a maturidade, p. 98.

que se descubra novas atitudes para uma nova evangelização, para novas posturas eclesiais e humanitárias. A palavra de Francisco, pós pandemia do COVID-19, sintetiza a ideia da ética do compromisso.

O valor da vida, da natureza, da dignidade da pessoa, do trabalho, dos vínculos - todos esses são valores-chaves da vida humana, que não podem ser negociados nem sacrificados. Fico espantando quando ouço falar de 'valores inegociáveis'. Todos os valores verdadeiros, os valores humanos, são inegociáveis. Posso dizer qual dos dedos da minha mão tem mais valor que os outros? Se tem valor, tem um valor que não pode ser negociado.³⁷

Aqui se percebe a ética do compromisso que legitima o bem comum, na solidariedade, no bem que o ser humano pode oferecer ao seu semelhante, na possibilidade de comunhão, de aceitação do outro, principalmente dos pobres e dos mais vulneráveis deste tempo.

Neste tempo presente, a humanidade é convidada pelo Papa Francisco à luz do seu pensamento e seu magistério a buscar um discernimento que supere o egoísmo, enraizada na lógica do descarte que integre a consciência do ser humano em uma nova humanidade. Se faz necessário abrir-se a novos horizontes, na esperança de uma nova humanização e dos elementos culturais que promovam a vida e a esperança. O discernimento espiritual e comunitário se faz necessário para o testemunho de uma consciência comprometida e que produza frutos e ajude a curar as lacunas presente no meio do Povo de Deus.

Referências bibliográficas

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1993.

BRUSTOLIN, L.; FONTANA, L. L. B. (Orgs). **Cultura Urbana**. Porta para o Evangelho. São Paulo: Paulus, 2018.

CELAM. **Conclusões da Conferência de Puebla**: Evangelização no presente e no futuro da América Latina. São Paulo: Paulinas, 1979.

CELAM. **Documento de Santo Domingo**. IV Conferência do Episcopado Latino-Americano. Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã. Petrópolis: Vozes, 1983.

CELAM. **Documento de Aparecida**. V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas, 2007.

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023**. Brasília: CNBB, 2019.

COELHO, C. N. P.; CASTRO, V. J. C. (Orgs). **Cultura, comunicação e espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2018.

COMBLIN, J. **Teologia da Cidade**. São Paulo: Paulinas, 1997.

COMBLIN, José. **Comunidade de Comunidades**. A conversão pastoral da paróquia. Brasília: CNBB, 2014.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. A alegria do Evangelho: Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas: 2013.

FRANCISCO, PP. **O verdadeiro poder é o serviço**. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

FRANCISCO, PP. **Caminhando para a maturidade**. Campinas: Ecclesiae, 2014.

FRANCISCO, PP. **O Evangelho da vida nova**. Petrópolis: Vozes, 2015.

FRANCISCO, PP. **Vamos sonhar juntos**: O caminho para um futuro melhor. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

FRANCISCO, PP. **Discurso do Papa Francisco aos participantes do Congresso Internacional de Pastoral das Grandes cidades**. Sala do Consistório. Quinta-feira, 27 de novembro de 2014.

³⁷ FRANCISCO, PP., *Vamos sonhar juntos*, p. 60.



Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grandi-citta.html>. Acesso em: 18 ago. 2021.

GODOY, M. J. Uma Pastoral com rosto urbano. In: MIRANDA, M. F. **Uma Igreja de rosto urbano**. Petrópolis: Vozes, 2021. p. 141-159.

JOÃO PAULO II, PP. **Discurso do Papa João Paulo II aos Membros do Pontifício Conselho para a Cultura**. Rio de Janeiro, 1º de 1980. Disponível: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1980/july/documents/hf_jp-ii_spe_19800701_cultura-brasile.html>. Acesso em: 13 abr. 2023.

LIBANIO, J. B. **A lógica das cidades**. São Paulo: Loyola, 2001.

LIBANIO, J. B. **Em busca da lucidez**. São Paulo: Loyola, 2008.

SANTOS, J. L. **O que é cultura?** São Paulo: Brasiliense, 1987.

SISTACH, L. M. **Evangelizar com alegria as grandes cidades**. Brasília: CNBB, 2021.

Rivael de Jesus Nascimento

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Paraná – Brasil

E-mail: pe.rivael@gmail.com

Waldir Souza

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Docente do programa de Pós-graduação do departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Paraná – Brasil

E-mail: waldir.souza@pucpr.br

Recebido em: 31/03/2023

Aprovado em: 22/06/2023